

SINTOMA DA CRIANÇA: MANIFESTAÇÃO DO SUJEITO FRENTE AO OUTRO

*Jane Mara dos Santos Barbosa
Wilson Camilo Chaves*

Esse texto é resultado de alguns apontamentos feitos em meu anteprojeto apresentado ao Programa de Mestrado da Universidade Federal de São João del Rei.

A pesquisa apresenta como tema o sintoma da criança. Na clínica psicanalítica com crianças, o cliente, a criança, raramente manifesta seu desejo de ser levado a um analista. Normalmente, os pais, a escola ou instituições cuidadoras procuram a clínica psicanalítica apresentando uma demanda de atendimento para a criança. Nas entrevistas preliminares, os analistas ouvem a queixa apresentada pelo solicitante do atendimento, ou seja, a queixa referente ao sintoma da criança. Esse sintoma aparece na queixa como algo que não só incomoda a criança, mas também a essas pessoas que convivem com ela. Além do sintoma da criança pretende-se investigar a constituição do sujeito, o Outro e suas implicações na clínica de crianças.

Não há na Psicanálise uma teoria que remeta ao adulto e outra que remeta à criança. A Psicanálise é uma só para se trabalhar o sujeito em todas as suas manifestações. A criança é tomada enquanto sujeito e não se encontra passiva diante da formação de seu sintoma. Ela escolhe a maneira como conceberá a imagem paterna e materna e, de alguma maneira, entra como complemento no conflito parental, em que ela é tomada como elemento do fantasma da mãe.

A criança é sujeito de desejo. Essa definição difere da visão de criança que foi mantida dentro de um contexto histórico-político-social-econômico-libidinal. O conceito de criança ou a forma como a maioria das pessoas a concebe sofreu influência da concepção histórica que variou desde a Idade Média até os dias de hoje.

Àries (1978) em seu livro *História Social da Criança e da Família* descreve a vida infantil vista, inicialmente, como muito breve. A criança saía da condição de “paparicação” no período mais frágil em seus primeiros anos de vida para se misturar aos adultos e partilhar de seus trabalhos e jogos. Até o momento em que a criança passa a frequentar a escola e deixa de ser “misturada” aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles.

Ainda segundo Àries (1978), a própria afeição familiar observada nos dias de hoje não era comum desde o início na velha sociedade tradicional. A partir da fase da escolarização da criança, entretanto, surge uma cumplicidade sentimental das famílias. Os filhos passam a não serem concebidos em função dos bens e da honra. Uma afeição se expressou entre cônjuges, pais e filhos, sobretudo por meio da importância que se passou a atribuir ao fator educacional.

A história social da criança sofreu modificações com o passar dos séculos até chegar ao conceito que se tem hoje. Mesmo agora, há uma concepção fortemente influenciada por Rousseau, de que o homem nasce bom. À concepção de Rousseau encontra-se atrelada uma visão de criança sem sexualidade. Uma criança “pura” e “ingênua” não manifesta curiosidade sexual. Isto pode ser verificado nos relatos clínicos de pais, quando se referem às questões sexuais de seus filhos menores. Estes pais se mostram surpresos quando acontece das crianças manifestarem tais curiosidades e atribuem a responsabilidade à convivência deste infante com seus pares.

Freud foi contemporâneo de uma visão de criança, já muito influenciada por Rousseau. Seus textos, todavia, traziam uma visão diferente. De acordo com Ferreira (1999), nesse contexto, Freud lançou suas ideias acerca da sexualidade infantil e aplicação da psicanálise no tratamento da fobia de Hans (FREUD, 2006a.), trazendo modificações significativas no modo de representar a criança. “A ideia de ‘modelar’ a criança pela

educação ou pela psicologia foi desconstruída por Freud, no seu conceito de pulsão (*Trieb*)” (FERREIRA 1999, p, 26), definida por Freud (2006b.) no texto *Pulsão e seus destinos* como estímulos internos, que se manifestam, através de representações, acompanhadas de afeto, entre o nível somático e o psíquico, tendo como característica a constância. Em Freud, portanto, o modelo de educação, que visa padronizar a criança sem relevar o desejo inconsciente, está fadado ao fracasso.

A concepção de criança, a partir de Freud, contribui para uma mudança na maneira como a infância é definida. O sujeito na condição de criança é localizado enquanto sujeito do inconsciente, que é passível de análise. Freud (2006a.), no entanto, em alguns momentos distingue a criança do adulto apontando especificidades como ausência de supereu e o fato da transferência e a associação livre sofrerem interferências, “porquanto os pais reais ainda estão em evidência. As resistências internas com as quais lutamos, no caso dos adultos, são na sua maior parte substituídas, nas crianças, pelas dificuldades externas” (FREUD 2006a, p.67). Ferreira (1999) comenta como Freud caracteriza os pais como “veículos da resistência”, necessitando eles também de certa “influência psicanalítica”.

De acordo com a autora, Freud (2006c.) em *Projeto para uma psicologia científica* apresenta a “experiência de satisfação” como a que determina a primeira inscrição fundante do aparelho psíquico. O bebê carece no início de sua vida da “assistência alheia de uma pessoa experiente” para a sua sobrevivência, o que caracteriza o desamparo (FERREIRA 1999, p. 36). A tensão do “organismo” só se acalma com a intervenção do outro. Através do grito a criança faz apelo ao Outro para ser socorrido da carência. Além de obter o objeto de satisfação da carência, a criança, através do grito escutado pelo outro, se inscreve na linguagem. A criança, por meio de grito, convoca o Outro, que traduz em significantes seu apelo. A mãe, enquanto sustenta o corpo do bebê e seu destino, encarna o Outro, indo além da função de materno. A mãe, que lê o bebê, entra com a dimensão

simbólica, à medida que, decide pelo significado, que não está isento de seus caprichos. Assim, inicialmente, a criança longe de ser sujeito, é objeto, objeto do Outro.

Posteriormente, Lacan apresenta a premissa de que o inconsciente está estruturado como linguagem. A criança está inserida no mundo da linguagem, sendo assim ela é capaz de se expressar através do discurso e da associação livre. Um discurso que se manifesta diante de facilitadores lúdicos que possibilitam que o significante deslize. A posição do analista é de escuta desse discurso. Uma condição, entretanto, é essencial na análise de crianças como no adulto: o sintoma.

Muitos autores que tratam da psicanálise de crianças inferem a manifestação do sintoma como uma resposta que é dada frente aos desequilíbrios nas funções exercidas pelos genitores e deles enquanto sujeitos entrelaçados. A criança, assim, é tomada como elemento pertencente ao fantasma do Outro. Quando um dos genitores ou os dois se encontram com dificuldades no cumprimento de sua função como pais ou na relação enquanto casal e há um sentimento de falta, a criança pode ser tomada como elemento de preenchimento do vazio deste Outro.

Ferreira (1999), citando Lacan, afirma que o vivente é submetido a esse Outro que tem o poder da palavra sobre ele, sendo esta a operação de alienação, uma das operações lógicas de constituição do sujeito. A mãe, ao ocupar o lugar do Outro, apresenta a falta que o *infans* é chamado a recobrir. “É, pois, no nível da separação que entra em jogo a falta e o desejo, posta em ato pela metáfora paterna que virá nomear a falta no Outro” (FERREIRA 1999, p. 36-37).

Na primeira fase da separação, a criança irrompe como o objeto que falta ao Outro. Num segundo momento, quando é barrada à falta do Outro, ela responde como faltosa. Esta sua falta ela articula com o objeto que falta ao Outro, interrogando o desejo dele que é encarado como enigmático. A criança, não se identificando mais com o objeto que

preenche a falta, procura por algo que possa preencher essa e o falo torna-se então o que, inicialmente, preencheria a mesma. O falo, por conseguinte, adquire o estatuto de objeto perdido. Isso só se torna possível quando a metáfora paterna se faz presente, através da introdução do Nome do Pai pela mãe na relação com a criança, sendo o pai reconhecido efetivamente como aquele que “faz a lei”.

Acerca da vivência edípica na criança e quanto à concepção que se faz da relação dos pais, Dolto expõe uma discordância à análise que Freud faz do caso do pequeno Hans. Nessa análise, Freud aponta que o menino vivenciava o Complexo de Édipo, partindo da narrativa feita pelo pai que o atendia. Dolto, em entrevista a Roudinesco (2010), afirma que Hans não poderia estar vivenciando uma história edipiana e sim pré-edipiana. Para Dolto era uma história uretral, com a diferença residindo no fazer “pipi” ou não. Dolto considera que Hans não tinha com quem rivalizar partindo da observação de que a mãe não amava o marido e o pai estava muito envolvido com seu trabalho e preocupado em levar dinheiro para a mulher, aparentando não manifestar satisfação emocional ou erótica com ela (DOLTO, *apud* ROUDINESCO 2010, p.100-101). Durante a narrativa da *Análise do caso de fobia em um menino de cinco anos*, Freud (2006a.) deixa claro o conflito existente entre os pais de Hans. O casal se encontrava com dificuldades, que mostraram afetar a função deles enquanto pais. A situação conjugal manifestou que a causação de desejo se fazia ineficaz naquele momento.

O sintoma da criança, para Lacan (2003), um “representante da verdade”, responde ao que há de sintomático na estrutura familiar. É um sintoma que pode representar o sintoma do casal ou ser produto da subjetividade da mãe, como “correlata de uma fantasia que a criança é implicada” (LACAN, 2003, p. 369).

A demanda da criança para isso precisa ser decifrada. A demanda apresentada pelos pais é relatada à criança, bem como o papel do analista nessa relação e é permitida a

criança a escolha de participar ou não do processo de análise. Ao consentimento dela há uma possibilidade de ser dirigida uma demanda ao analista.

Ferreira (1999), citando Martine Lerude Fléchet (1989, p. 40), em *Algumas observações sobre os sintomas da criança*, difere o sintoma da criança do sintoma do adulto, pois seu enunciado não pertence à criança e sim àqueles que apresentam a queixa, que encarnam os “Outros reais”, na maioria das vezes, os pais. Mesmo que o sintoma se manifeste como “emergência do Real no corpo da criança”, ele é uma manifestação pertencente ao campo do simbólico dos que trazem a queixa (FERREIRA 1999, p. 55).

Para Lacan (2003) em *Nota sobre a criança* o sintoma da criança se manifesta para responder ao sintoma do casal ou como captura da subjetividade da mãe como correlata de uma fantasia. Lacan aponta que, o sintoma da criança, ligado ao sintoma do casal, seria mais complexo, mas também mais acessível à intervenção analítica. Ao sintoma manifesto diante da fantasia materna faz-se primordial a mediação do outro representado na função paterna, para que se constitua o sujeito. E, posteriormente, Lacan desenvolve a teoria do sujeito, em que este é implicado no desenvolvimento de seu sintoma.

A clínica da psicanálise se funda sobre o trabalho com o inconsciente e, para tanto, é preciso ser estabelecida uma suposição de saber depositada na pessoa do analista, enquanto Outro e a partir desta disposição é possível repensar a verdade e produzir um saber, mesmo que implique em uma meia-verdade.

Durante o processo analítico, o analista é colocado no lugar do Outro, convidado a participar no sintoma do sujeito. Isto só é possível quando há uma escuta das indagações do sujeito referentes ao sintoma. No trabalho da análise, o sintoma da criança se dissolve a partir do manejo transferencial do analista ao se posicionar como objeto que recebe as projeções do analisante.

As breves considerações expostas sobre o sintoma da criança, a criança enquanto sujeito, assim como a definição de criança e de Outro para psicanálise, por tratarem de pontos fundamentais, merecem maior aprofundamento. Além disso, esses pontos se desdobram em eixos que ampliam ainda mais essa investigação.

BIBLIOGRAFIA

ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1978.

DOLTO, Françoise. Prefácio. In: M. Mannoni, **A primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

DOR, Joel. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

FERREIRA, Tânia. **A Escrita da Clínica: psicanálise com crianças**. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: Autêntica, 1999.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: _____ **Obras Completas** Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.

_____. Pulsão e seus destinos. In: _____ **Obras Completas** Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud, **Obras Completas** Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.

_____. A Interpretação de Sonhos. In: _____ **Obras Completas** Vol V. Rio de Janeiro: Imago, 2006d.

_____. Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica. In: _____ **Obras Completas** Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006e.

LACAN, Jacques. Nota sobre a criança. In: _____ **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Em defesa da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SOBRE OS AUTORES

Jane Mara dos Santos Barbosa. Psicanalista. Mestranda em Psicologia pela UFSJ. Psicóloga do Centro de Referência da Assistência Social de São João del Rei.

Wilson Camilo Chaves. Psicanalista. Doutor em Filosofia pela UFSCar. Professor do Mestrado em Psicologia da UFSJ.